

UMA CERTA MANEIRA DE ESTAR NA VIDA

Eduardo Mayone Dias,
cronista da diáspora e outras margens

por
Francisco Cota Fagundes *

Até hoje Eduardo Mayone Dias publicou seis livros de crónicas: *Crónicas das Américas* (1981),¹ *Coisas da LUSAlândia* (1983),² *Novas Crónicas das Américas* (1986),³ *Crónicas da Diáspora* (1993),⁴ *Miscelânea LU.S.A.landesa*⁵ e *O Meu Portugal Antigo e Distante*

* University of Massachusetts (Amherst - U.S.A.).

¹ *Crónicas das Américas*, “Duas palavras de explicação” do Autor (Lisboa: Livraria Ler Editora, 1981). Outras referências serão feitas no texto sob a abreviatura *CA*.

² *Coisas da LUSAlândia*, “Prólogo” do Autor, “Temas de Cultura Portuguesa - A tomada de consciência dos problemas de Portugal pelos Portugueses”, de Vitorino Magalhães Godinho (Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1983). Outras referências serão feitas no texto sob a abreviatura *CL*.

³ *Novas Crónicas das Américas*, “Advertência prévia” do Autor, “Uma Compreensão sem Fronteiras”, de José Martins Garcia (Baden, Suíça: Peregrinação, 1986). Outras referências serão feitas no texto sob a abreviatura *NCA*.

⁴ *Crónicas da Diáspora*, com uma breve nota de abertura do Autor (Lisboa: Edições Salamandra, 1993). Outras referências serão feitas no texto sob a abreviatura *CD*.

⁵ *Miscelânea [sic] LU.S.A.landesa*. Prefácio. “De Eduardo Mayone Dias e da `Portufónia””, de Vamberto Freitas e “Um as palavras de explicação do Autor” (Lisboa: Edições Cosmos, 1997) (*ML*). O erro ortográfico na capa do livro deve-se, muito provavelmente, ao editor. No frontispício e em todas as demais partes do livro está o correcto “Miscelânea”. Este livro, aliás com vários outros aqui estudados, contém textos indubitavelmente rubricáveis de “crónicas”. Noutros casos, e como aponta Vamberto Freitas, trata-se mais propriamente de “estudos e comentários” (pág. IX). Para fins deste trabalho, todos estes textos serão rotulados de crónicas, por razões que se tornarão evidentes no texto deste trabalho.

(1997).⁶ Este estudo pretende contribuir para uma tipologia das crónicas de Eduardo Mayone Dias, propondo ao mesmo tempo algumas achegas para uma leitura do itinerário temático e ideológico da crónica eduardiana *vis-à-vis* uma das constantes mais dramáticas da experiência portuguesa deste século: a diáspora, nas modalidades principais de emigração assalariada e exílio. Conquanto abarque os seis volumes de crónicas, este trabalho privilegiará *O Meu Portugal Antigo e Distante*. O título do meu trabalho, “uma certa maneira de estar na vida”, é uma frase tirada - e aqui empregada numa acepção distinta da que possui no seu contexto original - de uma das crónicas eduardianas mais justamente célebres: “Ferry Street - a Rua Mais Portuguesa da América”.⁷

O estudante da crónica moderna depara-se, logo à partida, com um sério problema: a relativa escassez de materiais teóricos e críticos acessíveis. Inclusive no Brasil, país em que a crónica moderna atingiu uma importância e um prestígio inigualáveis em qualquer outro país de língua portuguesa, surpreende constatar que, exceptuando o capítulo “Ensaio e Crónica” do livro *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, a secção dedicada à crónica por Massaud de Moisés em *A Criação Literária*, e o pequeno livro de Jorge de Sá, *A Crónica*, não abundam os trabalhos teóricos (acessíveis) sobre este género tão dos nossos dias.⁸ Quanto a estu-

⁶ *O Meu Portugal Antigo e Distante*, “Prólogo” do Autor (Rumford, Rhode Island: Peregrinação Publications, 1997). Outras referências serão feitas no texto sob a abreviatura *MP*.

⁷ Esta crónica, sob o título “Uma Rua Portuguesa na América”, é reeditada em *NCA*.

⁸ Massaud Moisés, “Crónica e Conto”, in *A Criação Literária*, II, 15.a ed., revista e atualizada (São Paulo: Cultrix, 1967), pp. 101-120, em que depois de apartados sobre a palavra crónica (“Do grego [*chronikós*], pelo latim *chronica*”; p. 101), do histórico do género e da estrutura e tipologia da crónica, se fazem aproximações entre esta espécie literária e o ensaio, a poesia e o conto, para depois se passar a considerações sobre as “características da crónica” e à sua linguagem; Gerald M. Moser, “The ‘Crónica’: A New Genre in Brazilian Literature?”, *Studies in Short Fiction*, 8 (1971), pp. 217-229; Antônio Cândido, “Prefácio”, in *Para Gostar de Ler: Crônicas*, vol. 5 (São Paulo: Ática, 1979-80), pp. 5-13; Jorge de Sá, *A Crónica* (São Paulo: Editora Ática, 1985); Afrânio Coutinho, “Ensaio e Crónica”, in *A Literatura Brasileira*, vol. VI (Rio de Janeiro: José Olympo Editora em co-edição com a Universidade Federal Fluminense, 1986), pp. 117-143 e 270-272. Na sua bibliografia a este estudo, Coutinho menciona uma série de artigos sobre a crónica editados nas páginas culturais de jornais brasileiros de acesso difícil nos Estados Unidos; Wilson Martins, Recensão crítica a *O valor da vida*, de Maria Julieta Drummond de Andrade (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982), *World Literature Today*, 58 (Winter 1984), p. 80.

dos críticos, o mais ambicioso que conheço é *A Crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*.⁹

Em Portugal, a situação é ainda pior no que diz respeito à existência de trabalhos teóricos e críticos sobre a crónica moderna. Seria injusto, porém, não mencionar as riquíssimas observações teóricas sobre a crónica que faz Vitorino Nemésio no seu *Jornal do Observador*.¹⁰ Onésimo Teotónio Almeida, na secção “Intermezzo” da sua última colectânea, *Rio Atlântico* (1997), inclui uma série de metacrónicas, ou crónicas sobre a crónica, de indubitável importância teórica.

No texto preambular a *Rio Atlântico*, “Pontes sobre o rio”, Onésimo Almeida proporciona-nos uma definição de crónica - que se designará por “crónica moderna”, em oposição a crónica medieval e clássica exemplificadas, para dar alguns exemplos aleatórios, pela *Crónica de El-Rei D. João I*, a *Crónica de D. Manuel*, a *Crónica de Guiné* e, muito mais perto de nós pelo aproveitamento do circunstancial e da observação directa, *A Carta de Pero Vaz de Caminha*.¹¹ Escreve Onésimo Almeida, referindo--se a algumas das 68 crónicas que integram *Rio Atlântico*:

⁹ Org. Afrânio Coutinho (Campinas: Editora da Unicamp, 1992). Depois de uma introdução de Coutinho em que são feitas algumas considerações de carácter teórico, esta colectânea consiste sobretudo de estudos sobre cronistas específicos. Duas das secções, porém, abordam vários tipos de crónica: a crónica humorística, a crónica mundana, a crónica teatral, a crónica visual.

¹⁰ (Lisboa: Verbo, 1974). Recomendo sobretudo os dois textos preambulares deste volume, particularmente “Observar e Informar”, onde Nemésio tece uma série de considerações sobre a relação cronista-matéria cronicada.

¹¹ No seu estudo já citado, Jorge de Sá refere-se a Pero Vaz de Caminha como “primeiro cronista”. Tal como o cronista moderno, Caminha baseia-se na observação directa, estabelecendo assim o “princípio básico da crónica: registrar o circunstancial”. Referindo-se à crónica moderna - exemplificada pelos cronistas que estuda: Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Lourenço Diaféria, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes - ao mesmo tempo que a compara com o conto moderno, Jorge de Sá afirma que “Perdendo a extensão da carta de Caminha, [a crónica moderna] conservou a marca de registro dircunstancial feito por um *narrador-repórter* que relata um fato não mais a um só receptor privilegiado como el-rei D. Manuel, porém a muitos leitores que formam um público determinado”. Veja-se *A Crônica*, pp. 5 e 7.

Outras destas crónicas não passam de mero esboço de ensaios nunca desenvolvidos. Ficarão para sempre nesse reduzido formato a que genericamente chamamos crónica, e os anglo-americanos designam por *short essay*, classificação superabrangente, mas de longa e hoje bem viva tradição. A crónica é mais digerível. É um ensaio diluído e adocicado, ou melhor ainda, um ensaio em mangas de camisa.¹²

A aproximação entre o que modernamente se entende por crónica e o *short essay* fora também sublinhada numa definição de Afrânio Coutinho:

. . . o que designamos atualmente por crônica é o que, na literatura inglesa, se chama “ensaio”, o do primeiro tipo, o original ou “familiar”, informal. Se compararmos as características dos dois tipos, veremos que as da “crônica” brasileira são as mesmas que os ingleses atribuem ao *personal* ou *familiar essay*. (*op. cit.*, p. 122)

Se este fosse um estudo comparativo entre a crónica moderna e o “ensaio” informal ou breve das definições propostas por Onésimo Teotónio Almeida e Afrânio Coutinho, teríamos de pisar areias bastante movediças. Existem diferenças genéricas entre a *crônica brasileira* e a *crônica portuguesa*? Escusado é lembrar que vários estudiosos parecem reivindicar para a crónica brasileira um estatuto genérico à parte (veja-se, por exemplo, o estudo de Gerald M. Moser, referido na nota 8, intitulado “The `Cronica`: A New Genre in Braziiian Literature?”) e outros, como Paulo Rónai, referem-se à crónica como género brasileiro.¹³ E será a cró-

¹² Onésimo Teotónio Almeida, “Pontes sobre o rio”, in *Rio Atlântico* (Lisboa: Edições Salamandra, 1997), p. 10.

¹³ Veja-se Paulo Rónai, “Um género brasileiro: a crônica”, in *Crônicas Brasileiras*, eds. Alfred Hower & Richard A. Preto-Rodas (Gainesville: University of Florida, 1971), pp. 154-156.

nica em língua de Camões - seja ela brasileira ou portuguesa - um género equiparável não só ao *short essay* mas ao que actualmente se chama o *new journalism* em geral, isto é, o jornalismo literário que dá por um número quase inesgotável de nomes: *art journalism*, *the literature of fact*, *advocacy journalism*, *participatory journalism*, *personal journalism*, *point-of-view journalism*, *documentary narrative*, *dramatic nonfiction*, *cultural journalism*, *creative nonfiction*, etc.? Este tema seria fascinante mas está muito para além das intenções do presente trabalho.¹⁴ Para quem estiver interessado em explorar a relação genérica - e logo temática, ideológica, etc. - entre a crónica em língua portuguesa e essa(s) forma(s) ensaística(s) (e ficcionais) mencionadas, recomendo, do lado anglo-saxónico, *The New Journalism*,¹⁵ de Tom Wolfe, *The Literary Journalists*,¹⁶ de Norman Sims e *Literary Journalism in the Twentieth Century*¹⁷ e *A Sourcebook of American Literary Journalism*,¹⁸ sendo estas últimas duas colectâneas de ensaios organizadas, respectivamente, por Norman Sims e Thomas B. Connery.

Uma das necessidades que se impõe a um (este) leitor ao confrontar mais de uma centena de crónicas é uma tipologia do género, independentemente de empregarmos a designação “tipos de crónica” (como fazem Afrânio Coutinho e Massaud Moisés) ou “subgénero”, utilizando esta rubrica, escusado é dizê-lo, numa acepção descritiva e não judicativa. Afrânio Coutinho identifica cinco *tipos* de crónica, com base nos elementos constitutivos da produção cronística de célebres escritores brasileiros, desde José de Alencar a escritores da actualidade, como Rubem Braga. Na concepção de Coutinho, a *crónica narrativa*, cujo expoente máximo seria Fernando Sabino, narra uma “estória ou episódio”, aproximando-se assim do conto; a *crónica metafísica*, cultivada por Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, identifica-se com a reflexão filosófica; a *crónica poema-em-prosa*, de que são praticantes, entre outros, Manuel

¹⁴ Estes termos - apenas uma amostra - foram extraídos do ensaio “Literary Journalism: Newspapers’ Last, Best Hope”, *Connecticut Review*, 18:1 (Spring 1996), pp. 59-69.

¹⁵ (New York: Harper, 1973).

¹⁶ (New York: Ballantine, 1984).

¹⁷ (New York: Oxford, 1990).

¹⁸ (New York: Greenwood, 1992).

Bandeira e Rachel de Queiroz, aproxima-se da poesia. Aliás, Massaud Moisés (op. cit., págs. 108-109) reconhece apenas dois tipos de crónica: a crónica-poema e a crónica-conto.¹⁹ O quarto e quinto tipos identificados por Afrânio Coutinho são a *crónica-comentário* e a *crónica-informação*. Como indica a sua designação, a crónica-comentário “acumula muita coisa diferente ou díspar”; ou, no dizer pitoresco de Eugênio Gomes, a crónica-comentário teria “o aspecto de um bazaar asiático”.²⁰ Encontram-se entre os cultivadores da crónica-comentário José de Alencar e Machado de Assis. A crónica-informação é a que está mais próxima do significado etimológico de “crónica”: o seu objectivo principal é a divulgação de factos, “tecendo sobre eles comentários ligeiros” (Coutinho, op. cit., p. 133). Afrânio Coutinho tem o cuidado de afirmar que estas cinco rubricas não implicam “uma separação estanque entre os vários tipos” (p. 133).

Interpretando as rubricas de Afrânio Coutinho num sentido muito lato, seria possível utilizar essas designações - talvez com a excepção da “crónica-metáffica” - para categorizar as onze dúzias de crónicas eduardianas. Prefiro, porém, designações menos genéricas e mais conteudísticas, isto é, uma tipologia que nos permita aproximar do enorme escopo temático desta massa de textos, procurando identificar nos vários tipos de crónica o principal dos seus dominadores comuns: a *diáspora como experiência observada* e a *diáspora como experiência vivida*. Aquilo a que chamei, no título desta intervenção, “uma certa maneira de estar na vida”, tem que ver com a relação subtil entre esses dois tipos de experiência. Dum lado o cronista-testemunha (o historiador, o etnógrafo, o informador, o comentador, o filólogo, o professor). Do outro lado - mas indissolivelmente ligado ao primeiro - o indivíduo que auto-testemunha a própria condição de emigrante e exilado. A modalidade memorialista da experiência da emigração e exílio, conquanto esteja implícita em todas as colectâneas de Eduardo Mayone Dias, atinge uma tonalidade mais perceptível na colectânea significativamente intitulada *O Meu Portugal Antigo e Distante*.

¹⁹ Moisés acrescenta: “Há quem considere o debate das idéias como um possível terceiro tipo de crónica, mas a rigor trata-se de prosa doutrinária em forma de artigo de jornal, como poderia ser de revista ou capítulo de livro, e não de crónica.” *A Criação Literária*, p. 108.

²⁰ Eugênio Gomes está sendo citado por Afrânio Coutinho, op. cit., p. 133.

A crónica histórica: O primeiro tipo de crónica eduardiana de que nos ocuparemos é a *crónica histórica*, adiantando desde já que este rótulo - sobretudo a parte genérica do sintagma - é um rótulo de conveniência. Alguns destes textos - constituindo “Baleeiros Portugueses na América” (CL), “Os inícios do movimento fraternalista português na Califórnia” e “Atuneiros portugueses de San Diego na Segunda Guerra Mundial” (ML) alguns dos exemplos máximos - são ensaios de rigorosa e extensa investigação académica dificilmente enquadráveis no circunstancialismo que por vezes é apanágio da crónica jornalística moderna. Também é verdade, porém, que algumas destas crónicas históricas evitam o uso de jargões e aparatos bibliográficos que associamos com o artigo histórico editado em revistas especializadas. Preside à crónica histórica eduardiana a intenção de documentar a presença do emigrante português em vários países, privilegiando-se, como seria de esperar, a América em geral e a Califórnia em particular, como alguns dos seus títulos claramente indicam: “Os Primeiros Portugueses na Califórnia”, “Reminiscências Históricas Portuguesas em Monterey”, “Pioneiros Portugueses na Zona de Tulare”, “Portugueses nos Condados de Kings e Tulare”, “A Presença Portuguesa em San Diego” e “Portugueses do Oriente” (CL). São estas crónicas históricas um bom exemplo do compromisso que Eduardo Mayone Dias tem mantido entre o mundo académico e as comunidades portuguesas de emigrantes que intelectualmente, docentemente e humanamente tem servido. Textos exemplares quanto a objectividade e imparcialidade, o cronista, sempre que lhe é possível, não perde o ensejo de celebrar as contribuições e as boas qualidades dos portugueses. Na crónica “Os inícios do movimento fraternalista português da Califórnia”, por exemplo, ainda que o seu objectivo principal seja informar com base em ampla documentação, um dos seus intuitos é também nitidamente celebratório: “São [as sociedades fraternalistas], sem dúvida, uma prova evidente das qualidades de perseverança e dedicação sempre demonstradas pelos nossos emigrantes” (ML, p. 48). Embora várias destas crónicas históricas tenham vindo a lume em revistas especializadas, como o *Boletim de Estudos Históricos da Ilha Terceira*, a maioria foram publicadas pela primeira vez em jornais portugueses (*Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *A Capital*, *Expresso* ou boletins e periódicos editados nas comunidades portuguesas da América). É bastante significativo - como indício da ponte estabelecida por Eduardo Mayone Dias entre os mundos académico e extra-académico - o facto de

muitas destas crónicas, não excluindo as que apareceram originalmente em revistas eruditas, estarem hoje incluídas em volumes despreziosamente intitulados *Coisas da LUSAlândia* e *Miscelânea LU.S.A.landesa*.

A *crónica de lugares*: O segundo tipo de que nos ocuparemos é o que denominamos *crónica de lugares*. Nestas crónicas, o autor revela-se um espectador de terras e povos estrangeiros e um empenhado observador dos seus irmãos da diáspora. O escopo geográfico e temático destas crónicas é imenso. As duas dúzias de crónicas a que chamo de lugares justificariam pelo menos duas subcategorias, cada qual abrangendo um espaço mais circunscrito. Teríamos, assim, as *crónicas de países*, de que seriam exemplos “Os Estados Unidos através das Estatísticas”, “O País do tu-cá-tu-lá”, “Cuba, ao Princípio” (CA). Nestas crónicas, o cronista é o espectador. Mas é-o sobretudo da paisagem humana. Como cronista, Eduardo Mayone Dias subscreveria, tal como Miguel Torga e Jorge de Sena, a afirmação clássica que só importa a paisagem com gente. E o circunstancial é por vezes apenas um ponto de partida para as verdadeiras intenções do cronista. Como indica o Autor no breve texto preambular a *Crónica das Américas*, “[q]uase todas [as crónicas desta colectânea] surgiram antes do 25 de Abril e em muitas havia uma maliciosa intençãozinha de constatar o de cá e o de lá” (CA, p. 7). Aliás, a primeira crónica da colectânea parte de uma série de comentários sobre o recenseamento americano de 1969, salientando-se alguns temas-chave (o decréscimo na emigração europeia, o melhoramento económico na América Latina, incluindo Cuba, as notáveis conquistas na educação verificadas pelos negros americanos). Tudo isto, e mais, é filtrado através do fino humor eduardiano, para dar uma séria lição a Portugal, cujo nome nesta crónica é conspícuo, pela sua ausência.

Muito mais numerosas do que as crónicas *de países* são as crónicas *de cidades e bairros e ruas* (nas quais também incluo regiões e vilas). Tematicamente, estas crónicas também são relativamente demarcáveis: aquelas em que o cronista é espectador do mundo estrangeiro e aquelas em que ele é o observador dos seus irmãos na diáspora, o que não significa que estas categorias sejam absolutamente separáveis ou estanques. Na categoria de crónicas de espectador do mundo estrangeiro incluímos, a título de exemplo, as cinco crónicas “Esta Incrível Cidade de Las Vegas (ou a possibilidade de ser feliz ao jogo e ao amor)”, “Doze Bairros à Procura duma Cidade [Los Angeles]”, “Tijuana, tão

longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos” (*NCA*) e “Radiografia de uma Aldeia Mexicana” e “Verão em Isla Vista” (*CA*). Esta última crónica é um *tour de force* descritivo. Mas não se trata de descritivismo exorativo - o que, aliás, se poderia dizer de todos os exemplos da notável arte descritiva deste cronista. Na crónica sobre Isla Vista abundam as alusões à Guerra do Vietname: o incêndio da sucursal do Bank of America pelos estudantes, a evocação da incongruente mas então ubíqua polícia dentro ou cerca de algumas cidades universitárias,²¹ o ameaçador ruído dos vigilantes helicópteros, enfim um microcósmico retrato da América na época da trágica guerra no Sudeste da Ásia. Em “Doze Bairros” e “Esta Incrível Cidade de Las Vegas” temos exemplos da arte do fino e sábio observador que, no primeiro caso nos dá não só um irónico retrato de Los Angeles, mas um perfil duma América feita de “bairros” contíguos que tantas vezes se não tocam. Las Vegas - e o que ela simbolicamente representa - é escarpada com o bisturi do humor²² e ironia eduardianos que, neste caso, muito legitimamente raíam a farsa. Este humor e ironia contrastam profunda e dramaticamente com os retratos de Tijuana - cujo título “tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos” é elucidativo do conteúdo do texto. Também digna de destaque no corpus cronístico eduardiano é o retrato de Vallejo (“Radiografia de uma Aldeia Mexicana”). Texto de uma objectividade luciferina, sobressai nele a arte da descrição e narração, mas desta vez ao serviço ideológico dum humanista zangado. Aliás, o que torna essa crónica sobretudo notável e comovente é o sentido de imoderada zanga, tão atípico de Eduardo Mayone Dias, com que o cronista reage ao abandono e à miséria humanas observados. Não é exagero nenhum afirmar que as páginas dessa crónica não seriam indignas dum John Steinbeck, de cuja obra Eduardo Mayone Dias foi estudioso.

²¹ “Verão em Isla Vista”, informa-me o Autor, “mereceu alguns cortes da censura (da auto-censura?) quando a crónica apareceu pela primeira vez num jornal, naqueles pré-revolucionários tempos de lusitanas contestações estudantis”.

²² Já José Brites et al., numa recensão sobre *Crónica das Américas*, chamam a atenção para o humor eduardiano, aspecto esse que no entanto ainda não foi, e mereceria muito ser, estudado em profundidade. Veja-se José Brites, Daniel Lacerda, Henrique Madeira, “Crítica de Livros”, *Peregrinação* (Revista de Artes e Letras de Expressão Emigrante), 3 (Janeiro 1984), p. 44.

Falta referir um punhado de crónicas de lugares que primam pelo foco geograficamente circunscrito a áreas e instituições emblemáticas de certos aspectos da vida americana: “A Grande Feira de Exotismos de Hollywood Boulevard” (NC), “Um Dia numa Universidade Americana” (a Universidade da Califórnia, em Los Angeles) (CA) e “No Mundo Fantástico da Disneylândia” (NC). Representam estas três crónicas conseguidos retratos de importantes instituições americanas: a capital do cinema e fábrica de sonhos domésticos e para exportação vista, e com justiça, como cenário de pesadelo humano; as instituições públicas de ensino superior revelando-se mais sócio-economicamente hierarquizadas do que a “democracia” deveria permitir e do que a propaganda nos quer fazer crer; e o célebre parque de diversões com toda aquela berrante alegria enlatada a mascarar um elementarismo confrangedor e um comercialismo ferozmente organizado. Quanto à técnica, presidem a estas crónicas o requintado descritivismo, o inconfundível humor, acompanhados sempre da generosa humanidade temperada pela fina ironia. É um excelente exemplo dessa ironia o seguinte trecho com que se conclui a já referida crónica “No Mundo Fantástico da Disneylândia”:

Isto, a constante animação, a cor, a música, a alegria infantil, o embevecimento adulto, o ar de festa, quase nos fazem esquecer da enorme dose de elementarismo, ainda que simpático, que toda a Disneylândia concretiza. E de facto, porque não! Para quê preocuparmo-nos com complexidades pessoais, familiares, nacionais e cósmicas, se durante todo um soalheiro domingo, por cerca de cinco dólares, nos podemos integrar naquela ingénua, poética e optimista visão de realidade que Walt Disney concebeu para deleite de grandes e pequenos? (NCA, p. 52)

Em comparação com algumas das crónicas que focam amplos panoramas como cidades (“Doze Bairros à Procura duma Cidade”), e portanto resultado de tomadas panorâmicas, estas crónicas mais geograficamente circunscritas utilizam a técnica do *close-up*. O emprego dos gran-

des planos permite ao cronista realçar, quando necessário, o grotesco das situações descritas. Vejamos um exemplo de “A Grande Feira de Exotismos de Hollywood Boulevard”:

O Hollywood Boulevard está cheio de lojas de recordações, todas de um mau gosto quase comovente. Aqui vendem-se toneladas de quinquilharia sem qualquer beleza ou utilidade, mas tocada de magia de Hollywood. A variedade é indescritível e a qualidade ainda mais. Uma loja tem à venda uma toalha estampada que representa um indivíduo de ar infeliz, metido até ao pescoço dentro da retrete, prestes a puxar a corrente do autoclismo. A legenda: “Adeus, mundo cruel!” E há pior, muito pior mesmo. Parece que tem muita procura. (NCA, pp. 40-41)

É importante acentuar que a rubrica *crónica de lugares* não pressupõe de modo algum um cronista estático. Muito pelo contrário. Trata-se dum cronista andarilho, peripatético. São exemplo disso as crónicas de cidades, bairros e ruas comerciais em que o tema central é a busca dum Portugal pelo mundo em pedaços repartido. A errância chega a atingir um estatuto simbólico, em crónicas como “Ferry Street - a Rua Mais Portuguesa da América” (CL), “Descendo a Rua Augusta”, “À toa pelo Rio de Janeiro”, e ainda na série de crónicas incluídas no volume *Crónicas da Diáspora* referentes a comunidades de emigrantes portugueses na França, na Bélgica, na Holanda, no Luxemburgo, na Alemanha, na Inglaterra, no Canadá, e sobretudo nos Estados Unidos. O cronista é um judeu-errante, em perseguição das cidades, das vilas, das ruas comerciais ou dos cantos de ruas comerciais, enfim, de todo o lugarejo onde haja portugueses. Essa busca incessante dos portugueses espalhados pelo mundo é também a procura duma própria pátria fora da pátria, uma pátria que se busca e por vezes se encontra momentaneamente num clube português, num restaurante, num bar. Uma situação típica de algumas destas crónicas de espectador da vida emigrante portuguesa - de que são exemplo eloquente “Cerveja e Cordialidade num Domingo de Paris”, “Domingo Português em Bruxelas”, “Cidade do Luxemburgo:

“Prefiro Morrer no Inferno Português” (CD) - é o cronista dirigir-se a uma zona de emigrantes portugueses, embrenhar-se pelas ruas, encontrar (como inevitavelmente encontra, às vezes após longa busca), o prédio, o clube, o restaurante e aproximar-se dos irmãos da diáspora para um momento de convívio, dois dedos de conversa na nossa língua, um começo de nova amizade, um partilhar do pão e vinho ancestrais, o sustento emocional daqueles que um dia tiveram que emigrar.

A crónica etnográfica: A etnografia sempre interessou Eduardo Mayone Dias, a julgar pelo número de crónicas que dedicou a actividades humanas enquadráveis nesse ramo da antropologia.²³ Uma vez mais, o cronista é, por um lado, o espectador de tradições estrangeiras (americanas, mexicanas, brasileiras); e por outro, o infatigável observador e historiador de tradições portuguesas emigradas. De entre os vários exemplares da crónica etnográfica eduardiana, salientemos “Natal Mexicano”, “A Noite das Bruxas e Outras Coisas Mais”, “Correndo sem Vergonha” (CA), “O Culto do Espírito Santo na Califórnia” (CL), “Pastorelas Mexicanas”, “Histórias de Portugueses (Made in Brazil)” (NC), “A Rainha Santa na Califórnia” e “Forcados com Sapatos de Ténis” (CD). Quer esteja a cronicar uma cena costumbrista no México, a discorrer sobre práticas como o correr nu ou o pôr o traseiro ao léu, a inventariar e a comentar os vários tipos de festa popular nos Estados Unidos, ou a referir uma tradição terceirense, a da corrida de touros, importada um pouco à força para a Califórnia, o leitor está sempre na presença do apaixonado etnógrafo, do compreensivo psicólogo, do tolerante humanista, do empenhado escritor, do consumado descritor e narrador. Exemplo notável de tolerância, sempre com uma pitada de saborosa ironia, é o seguinte excerto da crónica “Histórias de Portugueses (Made in Brazil)”, que versa o tema da piada brasileira ao português:

E ouço-as [as piadas] sem qualquer sombra de animosidade, com a firme crença de que o humor são pode anular muitas barreiras

²³ Veja-se, em relação com a minha rubrica “crónica etnográfica”, o artigo de Maria Beatriz Rocha-Trindade sobre Eduardo Mayone Dias, “Etnólogo do quotidiano e historiador de comunidades”, *DN Cultura* (25 de Agosto de 1995), p. ix.

nacionais e contribuir, ainda que seja com um grão de areia, para a comunhão entre os homens. *E sinto até pena de que nós não tenhamos histórias de brasileiros.* (NA, p. 135; sublinhado meu)

Digna de nota é a organização de todas estas crónicas nos respectivos volumes, tema esse que mereceria mais atenção do que permite o âmbito deste ensaio. Para dar apenas alguns exemplos, a décima primeira crónica do volume *Crónicas das Américas* é “A Noite das Bruxas e Outras Coisas Mais”, uma crónica etnográfica que, como se disse, inventaria uma série de festas historicamente muito significativas na América (o Dia de Acção de Graças, por exemplo), mas também uma série de tradições festivas da intranscendência do Groundhog Day. Contrastando com a frivolidade de algumas das actividades descritas ou evocadas nesta crónica está a *realidade* brutal representada na crónica que imediatamente se lhe segue no volume: a já comentada crónica “Radiografia de uma Aldeia Mexicana”. A esta crónica segue-se “Coisas de Americanos” - crónica susceptível de ser rubricada de crónica sociológica e cujo objectivo principal é corrigir alguns esteriótipos do que o cronista chama o *homo americanus*. O volume conclui-se com a décima quarta crónica, essa coisa magnífica que se intitula “Uma Conversa com o Pepe”, uma das peças mais dramáticas e humanamente comoventes da cronística eduardiana. As últimas quatro crónicas do volume *Crónica das Américas* estão organizadas, portanto, segundo uma estrutura de alternância dramática que faz com que as emoções do leitor oscilem pendularmente e cujas implicações são óbvias para uma leitura destas crónicas com base em princípios da estética da recepção.

A crónica-retrato: Quantitativa, temática, ideológica e esteticamente um dos tipos mais representativos da crónica eduardiana é o que denomino a *crónica-retrato*. São exemplos “Os Meus Vizinhos Californianos”, “Uma Conversa com o Pepe” (CA), “Uma Voz Espanhola na América: Ramón Sender” (NCA), “Conversa com Ana Paula (ou uma história da emigração)”, “A Minha Amiga Luísa”, “José David Rosa, Um Pioneiro da Cultura Emigrante Portuguesa”, “O Senhor José e os seus Furões”, “Do Reguengo do Fetal ao Vietname - Via Califórnia”, “Um Punhado de Histórias Mexicanas”, “Na Praça da República com Victória

e Constança” (*CD*), “António Ferro e o seu Novo Mundo”, “Machado da Rosa: uma memória” e “Do Pico a Guadalcanal via San Diego” (*ML*).

Algumas destas crónicas constituem retratos de personagens históricos (António Ferro, por exemplo). Outras, a maioria, são retratos de indivíduos que o cronista conheceu nas suas peregrinações de emigrante. Quem estiver familiarizado com *Açorianos na Califórnia*, reconhecerá o parentesco entre essa antologia de mini-autobiografias de emigrantes portugueses na Califórnia e algumas destas mini-biografias a que chamo crónicas-retrato. Na maioria dos casos, retrata-se um indivíduo; noutros, dois ou mais. Aliás, a crónica “Os Meus Vizinhos Californianos” e “Um Punhado de Histórias Mexicanas” talvez justificassem a rubrica crónica-álbum, pois são vários os retratos ou perfis incluídos nesses textos. Independentemente do rótulo que lhe apliquemos, porém, a crónica-retrato constitui uma reiteração - e, em alguns aspectos, uma condensação - de constantes temáticas e de perspectivas ideológicas exemplificadas pelos outros tipos de crónica discutidos acima. Típica da procura do emigrante português para lhe registar e sondar as experiências e com ele fraternizar é o seguinte trecho da crónica “Na Praça da República com Victória e Constança”:

Dou uma volta por lá com a Victória e a Constança. Irmãs, portuguesas de Coimbra, há dez anos no Brasil. A Victória é tradutora numa firma americana, a Constança é artista plástica e está quase a terminar um doutoramento na Universidade de São Paulo, com uma dissertação sobre António Pedro. Ao mesmo tempo relanceando para o espectáculo à minha volta, aproveito para lhes fazer perguntas sobre a vida no Brasil, o perfil da comunidade portuguesa. (*CD*, p. 149)

Não se pense tão-pouco que a busca obsessiva de portugueses na crónica eduardiana se limita a emigrantes ou exilados recentes. Na crónica “Fim-de-semana em Lima”, o cronista deixa o seu companheiro de viagem, o Dr. Alberto Machado da Rosa, a escrever postais num café e parte nas suas habituais deambulações pelas ruas da cidade. Ouçamo-lo:

Daí a pouco, já no hotel, surge a presença simpática do Dr. Gonçalo de Reparaz. De família espanhola, mas nascido no Porto, vivendo há muitos anos no Peru, o Dr. Reparaz aferira-se desesperadamente ao seu portuguesismo. Ele e a esposa, uma senhora peruana neta de madeirense, são os verdadeiros adidos culturais portugueses em Lima, cidade onde só vive meia dúzia dos nossos compatriotas. A Sra. de Reparaz tem lutado sem tréguas por dar a conhecer as tradições e o folclore do país do marido. Ele, por seu lado, tem-se dedicado há largos anos a reconstruir, entre garatujados documentos seiscentistas, a presença portuguesa em Lima durante os tempos da Colónia. (NC, p. 130)

Não é preciso puxar muito pela cabeça para ver neste perfil de dois indivíduos empenhados na luta pela cultura portuguesa elementos de um (possivelmente inconsciente) auto-retrato, como também o seria, e por similares razões, a crónica-retrato “José David Rosa: Um Pioneiro da Cultura Emigrante Portuguesa”. A crónica “Fim-de-semana em Lima” vai ecoar na crónica-retrato “Machado da Rosa: uma memória”. Aliás, as intertextualidades e intratextualidades destes textos - recorrências temáticas, imagísticas, de uma ou outra personagem, tudo isto assente numa multifacetada mas consistente ideologia humanista - constituem uma das constantes destes seis volumes de crónicas que mereceria mais atenção do que é possível conferir-lhe aqui. De modo algum quereria sugerir, porém, que estas crónicas-retrato patenteiam um interesse exclusivo por portugueses, quer sejam eles de distantes ou mais recentes diásporas. Como está bem patente na cronística de Eduardo Mayone Dias, o seu interesse pela humanidade, sobretudo pela humanidade marginalizada (de que os emigrantes não poderiam deixar de constituir exemplos paradigmáticos) não conhece limites étnicos. Nesse álbum de família que é a crónica “Os Meus Vizinhos Californianos” não há um único português. Crónica dum espectador da vida americana, é óbvia a semelhança estrutural, temática e ideológica entre ela e a crónica de lugares “Doze Bairros à Procura duma Cidade”. Em “O Senhor José e Seus Furões” e “Do Reguengo do Fetal ao Vietname - Via

Califórnia”, porém, regressamos à experiência emigrante portuguesa. Ambas entidades emblemáticas, o Sr. José e os seus furões representa o que só se pode chamar a indestrutível persistência da cultura - crónica temática e estruturalmente irmã, pois, da já referida crónica em que se fala desse outro exemplo de persistência cultural a que o próprio cronista dá o significativo título de “Forcados com Sapatos de Ténis (Ou as Estranhas Andanças da Corrida de Touros na Califórnia”. A crónica dedicada às andanças de Amílcar Cerejo, esse fernão-mendes-pinto da emigração portuguesa para a Califórnia, que experimentou combate no Vietname e foi um dos poucos da sua companhia que sobreviveu, está incluída em *Crónicas da Diáspora*, o quarto volume de crónicas eduardianas. Não deixa de ecoar, porém, a segunda crónica do primeiro volume: “Verão em Isla Vista”, na qual há referências muito concretas, como já se disse, à guerra no Sudeste da Ásia. A história de Amílcar Cerejo, no que possui de inesperada presença de portugueses e luso-descendentes em inesperadas circunstâncias, fará lembrar o magnífico retrato desse judeu português da Carolina do Norte (“Solomon Nunes de Carvalho: um judeu de ascendência portuguesa na Califórnia de ontem” [MP]); e não deixará de estabelecer uma profunda ligação intertextual com a mini-autobiografia desse homem cuja vida mereceria um romance: Joaquin Theodor, protagonista de “Do Pico a Guadalcanal via San Diego” (MP).

Não poderia concluir esta secção acerca da crónica-retrato sem uma referência a “Uma Conversa com o Pepe”, um exemplo paradigmático do tipo de crónica em epígrafe, mas que ilustra também as espécies que Afrânio Coutinho denomina crónica-narrativa e Massaud Moisés rotula de crónica-conto. Acrescentaria eu: crónica-conto *de personagem*. Qualquer que seja a designação que empreguemos para caracterizar esta crónica, “Uma Conversa com o Pepe” é susceptível de ser lida como uma breve biografia romanceada. Vítima de injustiças sociais e pessoais, Pepe, o chofer de táxi mexicano, vive uma espécie de *via crucis*. Experimenta a traição e a amargura. É espancado e arrastado pelas ruas da amargura. Sobe a um calvário e procura a morte por suas próprias mãos. Finalmente atinge uma apoteose, despertando o sentido de fraternidade e a compaixão noutro ser humano, que o ajuda a redimir-se. Essa redenção é concebida e expressa em termos dialógicos: a longa conversa entre Pepe e o polícia. A dialógica presidira, note-se, à relação entre o nar-

rador (que, como cliente, cobrira centenas de milhas com o seu biografo) e o Pepe. E dialógico é também, escusado será dizê-lo, o título da crónica, o que quer dizer que o “diálogo” abrange também o leitor. Crónica-conto existencialista, a sua mensagem é um apelo à fraternidade, ao romper de barreiras entre os seres humanos mediante o diálogo. O narrador desempenha, relativamente a Pepe, o papel de escutador e, vis-à-vis o leitor, o papel de mediador. E não será a relação dialógica entre as pessoas uma das mensagens fundamentais da cronística de Eduardo Mayone Dias?²⁴

Antes de passar à discussão de *O Meu Portugal Antigo e Distante*, gostaria de acentuar que os quatro tipos de crónica identificados acima - a crónica histórica, a crónica de lugares, a crónica etnográfica e a crónica-retrato - representarão a maioria dos textos que perfazem os cinco volumes já discutidos, mas deixam de lado alguns dos textos mais significativos destas colectâneas. Não desejando abusar de enfandonhas taxonomias, creio útil, porém, chamar a atenção para alguns tipos não incluídos nas categorias já referidas. As crónicas “Discurso Pronunciado Durante o Almoço Anual da UPEC” e a sua congénere “O Papel da UPEC ante uma Comunidade em Evolução” (CL) justificam o rótulo *crónica de intervenção*, pois estamos na presença de dois textos em que Eduardo Mayone Dias assume o seu papel de professor relativamente aos interesses das comunidades portuguesas, com todo o tacto de que é capaz mas sem subterfúgios.²⁵ As crónicas “Lamento de um Emigrante” e “Os Portugueses

²⁴ As crónicas de Eduardo Mayone Dias têm atraído alguma atenção crítica, mas longe ainda da sustida atenção que merecem. Um dos estudiosos que mais trabalhos - artigos jornalísticos e recensões - tem dedicado à cronística eduardina é Vamberto Freitas. Veja-se, para dar apenas alguns exemplos, “De Eduardo Mayone Dias e da `Portufónia””, prefácio a Eduardo Mayone Dias, *Miscelânea LUSAlandesa* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997), pp. ix-xi, texto incluído em *Pátria ao Longe -Jornal da Emigração* (Lisboa: Edições Salamandra, 1992), pp. 102-104; veja-se ainda, incluídos em *Pátria ao Longe*, o ensaio “A imigração açoriana em dois livros de Eduardo Mayone Dias [Açorianos na Califórnia e Coisas da LUSAlândia] pp. 107-110) e uma entrevista com Eduardo Mayone Dias, originalmente publicada no *Diário de Notícias*, “Prof. Eduardo Mayone Dias fala dos Portugueses na Califórnia” (*Pátria ao Longe*, pp. 25-32).

²⁵ Onésimo Teotónio Almeida também reconheceu e celebrou as qualidades docentes da crónica eduardiana: “É sobremodo a dimensão do pedagogo que partilha com os leitores imigrantes aquilo que ele supõe interessar-lhes ou que ele pensa deverem eles saber, sem superioridades nem ares sobranceiros e esmagadores.” Veja-se “A Obra de Eduardo Mayone Dias - ou de como se leva a Imigração à Universidade e vice-versa”, in *Peregrinação*, 8 (Abril 1985), p. 13.

da Califórnia e o Voto” (CL) também são crónicas de intervenção a favor dos interesses das comunidades portuguesas da Califórnia. Atingem, porém, um grau de protesto que justificaria a designação *crónica de protesto*. *Crónica-ensaio-literário* aplicar-se-ia a um punhado de textos, incluindo recensões e críticas, sobre escritores e obras jornalísticas, autobiográficas e poéticas relacionadas com o tema da emigração: “Posfácio - à Margem de `Portugueses na Califórnia””, “Urbino de San-Payo: uma Voz Poética de Hoje”, “Never Backward - Um Livro que é Preciso Ler” (CL) e “A América Vista por S. Lucas, Heitor e Urbino de San-Payo” (CD). Outra espécie de crónica eduardiana merecedora da sua própria designação é a *crónica linguística*. Como todas as designações que aspiram a captar qualquer aspecto particularizante de um texto, esta designação é insuficiente. Se bem que o denominador comum destas crónicas - por exemplo, “O Espanhol tal qual se fala - no México” e “México: Instantâneos de um País Surrealista” (CL), “A Geografia do Insulto” (NC) e “O portinglês dos Estados Unidos como (ainda modesto) veículo literário” (ML) - tenham que ver com fenómenos linguísticos, todas elas tocam em múltiplas disciplinas, não excluindo a psico-linguística.

Chegados, finalmente, a um dos mais recentes livros de crónicas de Eduardo Mayone Dias, *O Meu Portugal Antigo e Distante*, constatamos, à partida, que se trata de um livro que patenteia algumas semelhanças com as cinco colectâneas discutidas anteriormente. Por outro lado, e como o possessivo “meu” do título já parece sugerir, *O Meu Portugal Antigo e Distante* é o mais subjectivo de todos os livros de crónicas aqui discutidos. Aliás, para recorrermos de novo à tipologia, este livro é composto de dois tipos fundamentais: a *crónica memorialista* e a *crónica histórico-evocativa*. Estes dois tipos correspondem, até certo ponto, à divisão proposta pelo Autor. O livro contém duas partes: “O Portugal vivido” (composto de dezassete crónicas) e “O Portugal descortinado” (que compreende desasseis crónicas). Como é óbvio, a minha tipologia é, em parte, abonada por esta divisão: na primeira parte, vivências de carácter memorialístico; na segunda, evocações. Só que uma leitura até mesmo perfunctória de *O Meu Portugal Antigo e Distante* imediatamente evidencia que as crónicas sobre “o Portugal vivido” não atingem, senão em raros momentos, o grau de revelação íntima que associamos com a autobiografia. Por outro lado, na secção “o Portugal descortinado” surgem momentos bastante subjectivos.

A crónica memorialista: Chamo às crónicas da primeira parte do livro *memorialistas* porque são crónicas em que o cronista, partindo da recriação de facetas do seu mundo da infância, da adolescência e da juventude, não chega a dar-nos o retrato íntimo e confessional que geralmente é apanágio do género autobiografia. São textos reveladores duma personalidade mas ao mesmo tempo textos circunspectos, o que não causará nenhuma surpresa aos amigos de Eduardo Mayone Dias. O que nos fornecem estas crónicas memorialistas, utilizando uma perspectiva da primeira pessoa, é uma imagem do mundo à volta do eu-narrador. Em “Um Terceiro Andar em Campo de Ourique”, por exemplo, dá-nos uma faceta da classe pequeno-burguesa a que pertencia, utilizando sabiamente as imagens do espaço. Os vários andares do prédio em que vive, a situação geográfica dos prédios e dos bairros vizinhos são, todos eles, convocados a desempenhar papéis metaforicamente muito significativos nesta crónica microcosmo duma cidade e dum país. Desejaria acrescentar que esta crónica, na sua recriação do ambiente humano do “prédio onde nasci e passei a minha meninice e adolescência”, utiliza técnicas estruturais e de caracterização patentes em crónicas já referidas neste estudo, por exemplo, “Os Meus Vizinhos Californianos”. A segunda crónica é dedicada à literatura infantil, excelente contribuição para uma leitura da primeira secção de *O Meu Portugal Antigo e Distante* - que é a que aqui desejaria enfaticamente propor - como *Kunsterroman* ou como Vida do Cronista Enquanto Jovem. Para essa imagem contribuem não só a já mencionada crónica “Os Jornais Infantis dos Meus Verdes Anos”, mas ainda “A Dona Alda e o Seu Colégio”, “Do Colégio da Dona Alda ao Liceu Pedro Nunes” e “Universidade, Anos Quarenta”, magníficos quadros satíricos, os destas últimas três crónicas, daquilo que passava por instrução privada e pública no Portugal de Salazar nos anos 30 e 40. Parte da *Bildung* do futuro cronista - e componente importante do equilíbrio que o espírito profundamente clássico de Eduardo Mayone Dias sempre parece exigir - registam-se também as experiências mais positivas da infância e juventude do cronista: “Aqueles Carnavais Lisboetas dos Anos Trinta”, “As Paradas da Minha Meninice”, “Radiografia de uma Aldeia Portuguesa”, essas saborósissimas crónicas sobre nada mais nada menos que a passagem de Eduardo Mayone Dias pela Mocidade Portuguesa (“Confissões de um Jovem Nacionalista”); e sobre como o Autor não serviu o exército (“De como Eu Servi a Pátria”). A primeira destas crónicas estabelece, pelo

menos na mente deste leitor, uma levemente paródica intertextualidade com o conto de Jorge de Sena, “Defesa e Justificação de um Ex-Criminoso de Guerra”. Ambas as crónicas em epígrafe patenteiam uma qualidade que sempre profundamente admirei neste homem: a coragem e a dignidade de assumir e praticar a tão saudável arte da auto-ironia. Outras crónicas memorialistas inspiradas pela saudade, num crescendo que vai de “Os Jornais infantis dos meus verdes anos” até ao ponto culminante da crónica memorialista, que é essa pequena obra-prima “Baixo Alentejo, verão”, incluem: “O Jardim da Estrela da minha memória”, “No café depois das aulas” e “O primeiro andar do Chave d’Ouro”, crónica esta última que reforça a justiça do rótulo *memorialista*: trata-se, em parte, de uma série de breves perfis de algumas figuras cimeiras da cultura portuguesa deste século.

A evocação do Portugal rural, que este cidadão Eduardo Mayone Dias parece trazer sempre tão perto do coração, é feita, nesta primeira parte da colectânea, na “Radiografia de uma aldeia portuguesa”, um título que imediatamente nos traz à mente a “Radiografia de uma Aldeia Mexicana”, embora esta última aldeia seja vista através duma empenhada perspectiva, e a aldeia portuguesa da infância do cronista seja filtrada através dum olhar ternamente saudosista. Em “Baixo Alentejo, verão”, o cronista despede-se memorialisticamente do seu Portugal evocando, não a sua cidade natal, mas sim uma província do sul do país. Crónica abertamente saudosista, começa por citar, em epígrafe, um quarteto dum célebre soneto de Florbela Espanca, e termina, tão apropriadamente, com uma quadra popular duma velha canção bem conhecida:

Abalei do Alentejo,
Olhei para trás chorando.
Alentejo da minha alma,
Tão longe me vais ficando. (MP, p. 63)

A última crónica desta secção, “TAP e não só”, é um remate apropriadíssimo para esta secção de crónicas memorialistas. Por um lado, evoca a vida de andarilho que tem sido a do Autor e, inclusivamente, chama a atenção para uma das constantes fundamentais da sua obra cronística: a emigração. Mas constitui também uma chamada de atenção para o estatuto do emigrante que tem sido Eduardo Mayone Dias:

o emigrante, como já lhe chamámos, de pé cá e coração lá, o emigrante que já vimos embrenhado pelas ruas dum bairro numa cidade estrangeira à procura do ancestral repasto. Assim termina a crónica “TAP e não só”:

Enfim, são coisas que inevitavelmente acontecem ao pobre viajante. Mas, quando se trata de ir rever os lusitanos ares, “take another plane”? Não, enquanto me consolarem com um saboroso jantar e as duas garrafinhas de Dão, continuarei a voar pela TAP. (MP, p. 66)

A crónica histórico-evocativa: Os títulos e o conteúdo das primeiras duas crónicas da secção “O Portugal descortinado” estabelecem o tom histórico-evocativo destes dezasseis textos: “Ah, Aquela Lisboa de 1891...” e “Coisas de Tempos Idos”. A primeira destas crónicas arranca numa circunstância bem curiosa: a leitura numa antiga *Guia Ilustrada de Lisboa*, a partir da qual, e até certo ponto com base em reminiscências de leituras queirosianas, o cronista assume o papel de turista histórico, focando a atenção nos hotéis, nos restaurantes, nas pastelarias, nos bairros comerciais. Dir-se-ia tratar-se de uma passeio imaginário pela Lisboa de fins do século passado, aliás invocativa de “O Sentimento dum Ocidental”. Mas, ao contrário do pessimismo cesariano - sem no entanto deixar de fazer variações sobre uma variação do cesariano tema do “cheiro salutar e honesto a pão no forno” - a crónica eduardiana enfatiza o que de positivo resulta da viagem nostálgica. Esta crónica não poderá deixar de trazer à mente do leitor o papel fundamental desempenhado pelas comidas na cronística de Eduardo Mayone Dias. Embora seja ostensivamente uma crónica saudosista recriadora dum momento histórico da capital portuguesa - e também, repito, inspirada em parte por saudosas reminiscências de leituras queirosianas, destacando-se de entre elas *O Primo Basílio* e *Os Maias* - esta crónica dramatiza e “prenuncia” o papel crucial que a comida representa na experiência do emigrante nas crónicas eduardianas. Aliás, é óbvia a intertextualidade - não só num sentido temático mas existencial - que este texto assume *vis-à-vis* as crónicas referidas anteriormente em que a tentativa do cronista de estabelecer contactos com os irmãos da diáspora é feita muitas vezes no contexto das comidas. Diga-se de passagem que o tema da comida como índice da condição emigrante ou étnica mereceria uma extensa monografia.

Nesse trabalho, e para mencionar apenas alguns escritores portugueses emigrantes ou étnicos, entrariam, além de numerosíssimas crônicas de Eduardo Mayone Dias, o contista José Rodrigues Miguéis (“Natal Branco”, por exemplo), muita poesia e a ficção de Alfred Lewis, alguns contos de (*Sapa*)teia Americana (por exemplo, “Trilogia Breve”), de Onésimo Teotónio Almeida, *Portingales*, de Thomas J. Braga, e *Saudade e Fado and Other Stories*, de Katherine Vaz.

Na segunda crônica da secção “O Portugal descortinado”, o narrador faz, logo de início, uma afirmação muito pertinente para uma leitura das crônicas eduardianas, não excluindo o volume *O Meu Portugal Antigo e Distante*, como crônicas da diáspora. Escreve o Autor:

Aqui há tempos estava eu a ler um romance do José Saramago, passado em 1936, e saltou-me aos olhos uma referência a um cobertor de papa! E pus-me a pensar como esta nossa vida, em especial esta nossa vida da emigração, é um longo rosário de perda de elementos quotidianos e de aquisição de outros. (MP, p. 74)

“Coisas dos Tempos Idos” é um arrecadar mental e emocional de *objectos* que estabelecem esses tão indispensáveis elos de ligação na cadeia de quem fomos e quem somos, como as crônicas que se lhe seguem - “Vozes lisboetas de ontem e de hoje”, “Ronda pelos cafés de antanho”, “Lisboa e a sua curiosa toponímia” e “Cheira bem, cheira a Lisboa” - representam outras conseguidas recriações de sons, de cheiros e de nomes que a mente necessita como pontes entre os “eus” que vamos sendo ao longo dos anos. Particularidade digna de ser acentuada é o desinibido assumir - com um bocadinho de ironia, claro - de termos-cliché, alguns deles de associações políticas actualmente pouco atraentes e não consentâneas com a ideologia francamente humanista e progressista deste autor. Mas essas evocações e o uso deliberado delas - por exemplo, do “Cheira bem, cheira a Lisboa” - sublinham precisamente o desinibido assumir da saudade, sentimento inerradicável e indispensável a um emigrante emocionalmente bipartido, como Eduardo Mayone Dias.

As evocações positivas inscritas em algumas das crônicas de “O Portugal descortinado” não implicam, porém, que o Autor tenha suspen-

dido o espírito de ironia que também lhe é peculiar. Assim, nas crónicas “A capital da incongruência” e “Guia do bem falar lisboeta”, a sensibilidade clássica do narrador e o seu interesse pela língua - que já víramos manifestados em crónicas anteriores a *O Meu Portugal Antigo e Distante* - novamente ressurtem.

Modulando os acentos primeiro saudosistas e logo irónicos das primeiras oito crónicas desta secção, o Autor - nas últimas oito crónicas do livro (notar, uma vez mais, este clássico equilíbrio numérico) vai novamente mudar de tom. “Sexo e realeza”, o texto que inicia esta nova modulação, parece ser, à primeira vista, uma incongruência temática. Mas não é. Tratando, como trata, as indiscrições matrimoniais (e morais, num sentido digno do termo) de governantes portugueses ao longo dos séculos - da D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, ao último representante da monarquia portuguesa, D. Duarte Pio - o cronista cria (para abandonar a analogia musical) um adequado contexto ético para a discussão de várias facetas do Portugal de Salazar, do pós-25 de Abril e da situação actual: “Salazar: o perfil anedótico”, “A PIDE e a Censura: os aspectos burlescos”, “Os anos 40”, “Três revoluções que abalaram Portugal”, “O humor da Revolução”, crónicas cujos expressivos títulos me dispensarão de adicionais comentários.

Gostaria, para concluir estes comentários a *O Meu Portugal Antigo e Distante* - e pôr termo a esta intervenção sobre os seis volumes de crónicas de Eduardo Mayone Dias - de chamar a atenção para as duas crónicas com que se encerra o livro em epígrafe: “Vem, Georges” e “Portugal em números”. Como é óbvio, o título da primeira destas crónicas é inspirado no célebre poema de António Nobre. Ao contrário do entusiasmo do poeta do *Só*, que convidava o amigo francês para vir conhecer o carácter único do seu país, a crónica de Eduardo Mayone Dias é um lamento pela perda dessa unicidade que, segundo muitas das crónicas memorialistas e histórico-evocativas já referidas, existe apenas na memória. “Vem, Georges” é de facto uma crónica - agora sabemos-lo - que explica a razão de ser do tom de *ubi sunt* que se percebe ao longo deste livro. Mas lembremo-nos da crónica sobre a TAP com que termina a secção “O Portugal vivido”. A sua contrapartida na segunda secção de *O Meu Portugal Antigo e Distante*, é “Portugal em Números”. Trata-se duma crónica em que o Autor discute algumas estatísticas sobre Portugal incluídas na Enciclopédia Britânica. Neste texto chama-me sobretudo a atenção uma

frase - frase essa, insista-se, numa crónica escrita na Califórnia por um homem que durante metade da sua vida viveu, como milhares de emigrantes portugueses têm vivido, com o corpo dum lado do Atlântico e a alma do outro. A frase é a seguinte:

“Quando recebi o referido cartapácio [o anuário da Enciclopédia Britânica] fui logo ver como tinham estado as coisas no meu país nesse ditoso ano” (*MP*, p. 120).

HISTÓRIA GERAL

